

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

# humanitas

Dop. 15-2/3

Vol. LXIII

*Rec.*



25/01/2012

• U • C •



COIMBRA  
2011

Integram ainda este volume estudos no âmbito do cinema (Sven Grampp analisa três filmes relacionados com os tempos da R.D.A. e Bernarda Esteves a adaptação para o cinema de *Love's Labour's Lost* feita por Kenneth Branagh); do teatro (Francesca Rayner debruça-se sobre a encenação de Ricardo Pais de *O Mercador de Veneza*); da dança (Noël Carrol incide sobre diversos tipos de crítica, a crítica descritiva, a crítica cultural alternativa e a crítica situacional); das artes plásticas (Alfred Opitz analisa a recorrente presença do mito de Ícaro na antiga R.D.A. e Laurie Beth Clark fala da sua obra); da política e da performance política no contexto da democracia (com artigos de Marta Nunes da Costa, Maria Georgina Pinto de Abreu, de Nadejda Machado e de Michael Peterson); e da música. Neste último caso, além do artigo de Ângelo Martingo sobre a relação entre aspectos sociológicos e a interpretação musical, Mário Vieira de Carvalho, em bem reflectido e documentado artigo, mostra, contra os superficiais amantes da ópera que a reduzem a virtuosismo vocal, como o espectáculo operático diz respeito a uma pluralidade de aspectos irredutíveis a um descarnado virtuosismo da voz. Luís Pipa, comentando a notação musical, mostra, também com clareza, a importância e o estatuto inapagável do intérprete.

Referência ainda para um artigo teórico da autoria de Ruwen Ogien sobre a difícil distinção entre pornografia e erotismo. Situando-se nos planos sociológico, psicológico e legal, a partir dos quais estabelece a sua análise das apreciações morais que a pornografia suscita, falta a esta meditação uma dimensão filosófica, no contexto da antropologia, sem a qual a reflexão redundaria mutilada.

Artigos sobre Ana Hatherly (Márcia Oliveira), sobre Christopher Wool (Eunice Ribeiro), e ainda os testemunhos de Luís Filipe Rocha, Paulo Eduardo Carvalho e Hugo Cruz completam as contribuições presentes neste volume.

JOSÉ PEDRO SERRA

*MILÍCIA CRISTÃ, CAVALARIA(S), CAVALEIROS. Revista Portuguesa de História do Livro. Ano XIII, vol. 25* Edições Távola Redonda, Lisboa, 2010, 680 pp., ISSN: 0874-1336.

Dedicado ao humanista José V. de Pina Martins, um dos principais inspiradores da *Revista Portuguesa de História do Livro* recentemente

falecido, o número 25 desta revista conta com a colaboração de diversos autores, nomeadamente Manuel Cadafaz de Matos (autor de pelo menos oito estudos, ao longo de toda a Revista, além de três artigos de menor dimensão integrados nas secções *Varia*), Maria de Fátima Silva, Ana Elias Pinheiro, Nuno Medeiros e três autores da Universidade de Tessalónica, Miltos Pechlivanos, Michalis Chryssanthopoulos e Lizy Tsirimokou.

O tema escolhido para este volume é a noção de milícia cristã no ideário de Erasmo e as diversas tipologias de cavalaria e de cavaleiros ao longo dos tempos.

Após um largo estudo sobre o ideal erasmiano da milícia cristã na obra do teólogo humanista, nomeadamente na formação que ele propõe para o futuro Carlos V, Manuel Cadafaz de Matos analisa os principais trabalhos impressos de Calvino, sob o ponto de vista específico da história do livro e da edição, o que lhe permite examinar particularmente o destino póstumo daquelas obras, bem como o seu papel ao serviço do pensamento reformador do seu autor (pp. 21-131).

Segue-se um breve mas rigoroso estudo de Maria de Fátima Silva, da Universidade de Coimbra, sobre o retrato do grupo social dos cavaleiros na obra dramática de Aristófanes (pp. 131-140). A leitura perspicaz de duas comédias (*Cavaleiros* e *Nuvens*), por parte de uma especialista da Literatura Grega e de Aristófanes, permite traçar o retrato daquele grupo social, quer do ponto de vista da sua acção política e da decadência social da aristocracia, quer do ponto de vista do respectivo universo pessoal e privado.

O estudo de Ana Elias Pinheiro (pp. 141-150) completa o quadro da caracterização da cavalaria grega, agora com a obra de Xenofonte, representante das mudanças típicas da transição para o mundo helenístico. As qualidades morais e físicas atribuídas ou exigidas pelo autor grego ao chefe da cavalaria, permitem descrever também alguns aspectos morais dos cavaleiros seus súbditos, que deviam ver nas virtudes do primeiro um espelho dos seus próprios hábitos e mentalidade.

O papel social do cavaleiro no mundo romano, a caracterização daquela ordem social ao longo dos tempos, as corridas de cavalos, bem como a representação iconográfica do cavalo e do cavaleiro entre os séculos I a.C. e IV d.C. e as suas diversas interpretações são o tema de um interessante estudo desenvolvido por M. Cadafaz de Matos (pp. 151-284, excluindo anexos, de desigual valor científico, que se estendem até à p. 304). A transversalidade do tema estende-se até aos desenhos de Francisco d'Hollanda, cuja inspiração o autor identifica com a iconografia romana. O

texto é enriquecido por elevado número de elementos iconográficos, indispensáveis dada a natureza do estudo.

Menos justificada parece a inclusão de um artigo de M. Cadafaz de Matos (de resto, em segunda edição) sobre a presença de Erasmo nos índices da Inquisição em Portugal, no século XVI (pp. 73-78). Já totalmente legitimada parece a presença de um outro artigo, do mesmo autor, sobre a edição *princeps* da *Estória* de D. Nuno Álvares Pereira (Lisboa, 1526), cujo biografado é, com propriedade, caracterizado como cavaleiro ao serviço da *milícia* cristã. O artigo estende-se da p. 305 à p. 400, já que o autor parece não resistir a inúmeras digressões - como acontece algumas vezes ao longo do volume - sem que de resto elas diminuam o interesse do artigo.

Seguem-se dois outros estudos sobre obras de cavalaria do mundo hispânico, de onde não se encontra excluída a obra de D. Duarte, rei de Portugal (*Livro da Ensinança de Bem Cavalgar toda a Sela*). O primeiro (pp. 401-454) agrupa diversas obras pertencentes a um bibliófilo dos séculos XVI- XVII, D. Alonso Quijano. O segundo (pp. 455-466), a que se assinala apenas a omissão do respectivo resumo na secção própria, incide, na linha do anterior, sobre a obra de Juan Arias Davila Puerto Carrero, *Discurso...para estar a la Gineta con gracia y hermosura*, para formação e recreação da nobreza.

O volume inclui ainda três secções de *Varia* (I, II III) onde se inclui quer um ensaio de M. Cadafaz de Matos sobre escrita e teoria da corporeidade (as diversas inscrições tatuadas no corpo humano ao longo de diversos tempos e lugares, numa perspectiva que vai da antropologia, à filosofia de Husserl e Merleau Ponty), quer a evocação do Pe. Matteo Ricci S. J., na China, e de José Saramago em Lisboa. Entre a documentação atípica que constitui a secção *Varia* III, salienta-se uma recensão (única, porém), da autoria de J. Pinharanda Gomes, a uma obra de M. Cadafaz de Matos, e ainda o estudo de Nuno Medeiros ("Problematizar o objecto consagrado: definindo o livro como ideia e materialidade através da edição", pp. 549-566): uma reflexão sociológica e antropológica sobre o livro, na sua dupla condição de ideia e de materialidade, e sobre a edição enquanto agente construtor do primeiro.

MARGARIDA LOPES DE MIRANDA

NDOYE, Malick, *Groupes sociaux et idéologie du travail dans les mondes homérique et hésiodique*, Institut des Sciences et Techniques de l'Antiquité, Presses Universitaires de Franche-Comté, 2010.

Embora relativamente desconhecido entre nós, Malick Ndoye tem já vasto currículo de investigação sobre o tema do trabalho escravo no mundo clássico. Este trabalho é uma publicação da sua tese de doutoramento, diz o autor no prefácio, com a devida vénia de revisão.

A sua introdução fornece noções básicas ao estudo dos *Poemas Homéricos* (desde noções gerais da epopeia, data da organização em 24 cantos, passando pelas teses dos Analíticos e dos Unitários) e, em Hesíodo, sobretudo ao estudo de *Trabalhos e Dias*. É de ressaltar o seguinte na introdução: ainda que concordemos com a explanação do autor sobre alguns elementos históricos nos *P. H.*, comprovados pela arqueologia, não podemos admitir a precisão temporal da Guerra de Tróia (em 1225 a. C!), nem a própria composição dos *Poemas*.

Daqui, então, propõe-se Ndoye analisar as actividades económicas, ou a falta de "noção de trabalho", "ce qui dans les actes (*erga*) des Achéens relève du travail et quels jugements suscitent les différentes activités économiques. Il s'agit aussi d'étudier à quelles activités s'adonne chaque individu selon son statut social, dans quelles conditions et pour quel objectif, et quels types de relations s'établissent entre les hommes lors de l'exécution de leurs tâches."

Concentrando-se primeiramente em Homero, Ndoye começa por definir o que entende por *oikos* e os senhores que o governam, os *aristoi* ou os "paysans", e onde se irá focar toda a "actividade pessoal": expressão que engloba toda a família e onde importa assegurar a autarcia individual. Categoriza o trabalho pelo seu valor mítico e/ou prático, consoante se reporte a figuras de alto coturno ou mais baixas, respectivamente; categoriza-o ainda em actividades realizadas por homens ou mulheres. Nota-se, a partir desta altura, a metodologia severa do seu trabalho: exposição de conceitos, apresentação de provas que evidenciam o que explicou e refutação das mesmas, quando há excepções. Dedicou um subcapítulo a falar sobre "actividades utilitárias", que poderia denominar por "actividades de subsistência" uma vez que discorre sobre a saciedade da fome através da caça, pesca e mesmo da mendicância, e dedica ainda um outro sobre aquisição de riqueza fora do *oikos*, através de actividades ilícitas ou trocas de presentes em ocasiões de hospitalidade; Malick Ndoye faz também